

S/inter

Visão 23/11/81

## ARTES VISUAIS



"Made in USA", o tema das locomotivas de Glauco, agora enriquecidos de cor

PINTURA

### Preto é luz

*A temática vencida pela cor.*

Glauco Pinto de Moraes, pintura. Paulo Figueiredo Galeria de Arte, São Paulo.

■ Em 1980, ao indicarmos Glauco Pinto de Moraes como destaque da década entre os pintores nacionais, dizíamos que ele, encerrando os anos 70, procurava destruir a cor para conseguir a luz. Tal vem sucedendo, de fato, em suas últimas telas e pode ser constatado exemplarmente nesta mostra, na qual a presença de fundos escuros e várias nuances de preto demonstram que o tema já não é tão importante na obra do pintor. A cor e a luz tomam a dianteira, num duelo visual que acaba por enriquecer o trágico cenário de suas telas.

Quando analisamos a obra de Glauco, à primeira investida, percebemos dois caminhos: o do fóssil e o do fissil. O primeiro, representado pelo tema das locomotivas, objetos remanescentes dos primórdios da era industrial, hoje mais parecendo paquidermes arqueológicas, apesar de sua magia, da impressão de sua força e poder. Aos poucos, a partir de 1977, o fóssil vira fissil, ou seja, a locomotiva começa a ser vista em suas partes. Engates, trucks, alavancas ganham em conotações — ora humanas, sensuais e eróticas, como nas poéticas posições dos engates, ora políticas, pelo simples registro da proveniência das má-

quinas, todas estrangeiras, que enuncia o colonialismo e a dependência.

**Novos trilhos** — Hoje, ainda focalizando as partes da locomotiva, Glauco parou de preocupar-se com a forma, criando mais situações de pintura. Ao contrário do que ocorre na natureza, em pintura, a luz é feita com os negros — pois só assim emergem da tela as demais tonalidades. Daí a existência de tantos tons escuros agora, em sua obra.

Com isso, os assuntos tornam-se mais goyescos, ficam para trás as características físicas do tema. É um retorno do pintor a suas origens. Para quem não sabe, Glauco iniciou-se em pintura com temática metafísica. E agora, enriquecendo sua obra com a cor, o artista ainda acrescenta certa espiritualidade a suas máquinas, cada vez mais humanas.

Alberto Beuttenmüller

SALÃO

### Descentralizando

*Para ver o que é o Brasil.*

IV Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna e Ministério da Educação e Cultura, Rio.

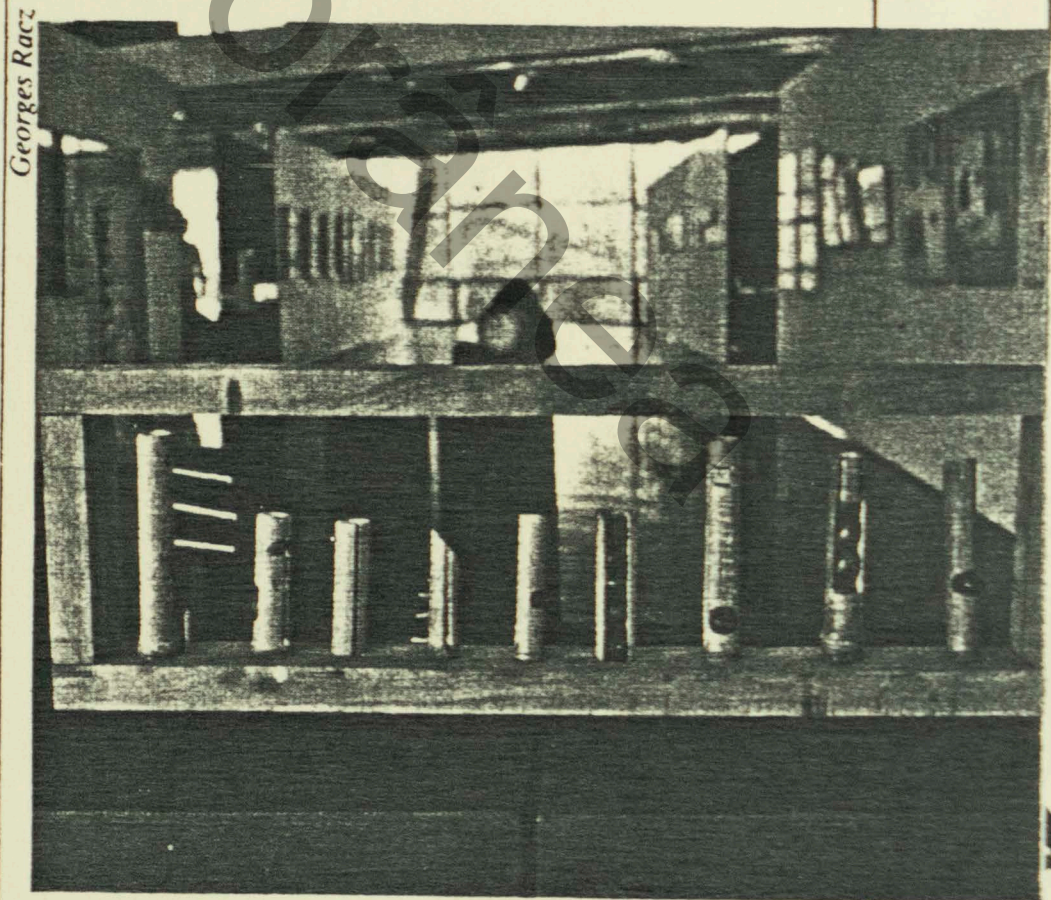
■ Não caberia uma crítica das participações individuais num evento tão grande quanto o Salão Nacional: resultaria superficial, omissa, injusta. Mas o even-

to, neste ano, tem facetas que merecem análise, por repetirem problemáticas do movimento artístico brasileiro presentes desde que os circuitos de arte e a crítica se propuseram tomar a direção das artes modernas e pós-modernas, via bienais e salonismo.

Bem selecionado, com o objetivo de realizar uma leitura abrangente das artes plásticas brasileiras mediante aproveitamento da produção regional, este salão teve como contrapartida a redução do espaço para os artistas residentes nos grandes centros, como Rio e São Paulo. O resultado foi uma exposição bem comportada, com as tendências dominantes, vocacionais, servindo de amortecedores entre os extremos. E mesmo os extremos demonstrando um certo cansaço criativo nas áreas experimentais: parecem repetitivos, um tanto velhos.

**Velha briga** — O ponto mais discutível, como sempre, foi a premiação. Talvez para purgar-se da seleção regionalista, o júri destacou predominantemente criações ligadas às linhas uniformizadoras dos circuitos internacionais. Dos quatro prêmios de viagem ao estrangeiro, dois foram para propostas sem maiores novidades — George Hardy e Murilo Santos; um para o excelente e contido construtivista abstrato que é Nelson Augusto, cujo trabalho, entretanto, também não apresentou nada de novo. O último foi atribuído aos quadros expressionistas em preto e branco, ótimos, de Antônio Pedro, que lembram, no entanto, a fase negra de Ivan Serpa. Artistas de qualidade, como José Barbosa, Gianguido Bonfanti e Kaiúca, para citar apenas três, foram deixados de lado. Uma pena.

Georges Racz



George Hardy, uma proposta vencedora